

PODCAST VEJA BEM

Transcrição Podcast Veja Bem - t01e11

Abaixo seguem as legendas utilizadas:

C=Professor Clóvis de Barros Filho

F=Professor Carlos Ferrari

V=vinheta

L=Locução

F: Imagina duas colunas com 3 pontinhos em cada uma delas...

C: Se você pode fazer melhor e não faz, a sua vida está aquém do que poderia ser.

V: Veja Bem: o podcast semanal para pensar a vida com outros olhos. Com os professores Clóvis de Barros Filho e Carlos Ferrari.

Os pontos de Braille são, pra mim, uma espécie de ponte com as ideias. E, como dizia um saudoso educador cego, Dr. Prof. Edson Lemos, são seis pontos de luz. E, acreditem, quando eu descobri que fazer uma ponte entre os pontos e a vida poderia ser uma opção, foi meio que um insight mágico. Professor Clóvis, que já está com a gente, o Djavan cantando sobre amor, sobre paixão, colocou o papo do Braille num outro patamar, falando sobre uma conquista, uma relação, ele disse, olha, é mais fácil aprender japonês em Braille. O homem foi longe, prof. Clóvis. Mais uma vez, que alegria te receber hoje, num tema tão especial!

C: A alegria é toda minha! Você hoje traz uma questão maravilhosa, que é a questão da leitura. Evidentemente que o Braille é alguma coisa maravilhosa, porque permite o acesso a essas ideias, a essa produção da alma de pessoas tão especiais, por intermédio de um outro sentido, não é? Que é o tato. Então eu acho que, de certa maneira, o tato e o Braille são absolutamente inclusivos, não é? Do deficiente visual a uma comunidade de escritores, de gente que põe no papel as suas ideias, e essa inclusão é uma inclusão, eu diria, das mais nobres e das mais bem-vindas.

Por essas e por outras, o tema é, sem dúvida, maravilhoso.

F: E já que a gente vai falar de Braille, deixa eu te contar algumas curiosidades: primeiro: o Braille é um sistema fascinante e simples. Imagina duas colunas com 3 pontinhos em cada uma delas... Esses pontinhos, em combinação, nos permitem escrever e ler qualquer coisa. 63 combinações e um infinito de possibilidades. Por exemplo, o ponto 1 é o, na

PODCAST VEJA BEM

primeira coluna estão os pontos 1, 2, e 3. Ponto 1 é o 1; 1 e 2 é óbvio, se você combinar o primeiro ponto da primeira coluna com o da segunda coluna é o 4, aí você tem o “c”, e por aí vai. Importante dizer que ler com as mãos e com os olhos são coisas distintas. Profissionais que ensinam pessoas cegas a ler e escrever em Braille, também podem ser profissionais que enxergam e esses, leem com os olhos. Pessoas cegas leem com as mãos... Importante desmistificar, porque se imagina que pessoas, por serem pessoas com deficiência visual, automaticamente leem o Braille, o que é absolutamente falso, porque trata-se de um sistema que exige muita habilidade tátil. Então, geralmente, quando, no meu caso, né, comecei uma estimulação de leitura bem cedo, com 1 ano e 8 meses, foi mais fácil. Você perde a visão depois de adulto, dificilmente vai desenvolver a habilidade tátil para ter contato com o Braille. Mas, ainda assim, é a única possibilidade de contato entre pessoas que não veem com a palavra.

Eu leio de muitas outras formas. Leio, por exemplo, em formato digital, com um leitor de tela, que transforma o livro em formato digital. E aí o leitor de tela vai, de maneira muito rápida, você tá ouvindo agora a edição vai colocar pra a gente, um trecho de 1984, a grande obra de George Orwell.

“Era um dia frio e ensolarado de abril e os relógios marcavam 1h da tarde. Winston Smith, com o queixo grudado ao peito para tentar escapar do vento impiedoso, deslizou rapidamente pelas portas de vidro das mansões da Vitória, embora não rápido o bastante para evitar que um redemoinho de pó áspero entrasse com ele.

1984 está lendo por uma voz sintética chamada Luciana, e existem outras possibilidades. A leitura em Braille, voltando ao Braille, é extremamente volumosa, por vezes, então acaba ficando inviabilizada. Uma folha em tinta vai gerar 2, 3, 4 em Braille.

Hoje existem equipamentos que permitem uma leitura em Braille, mas ainda muito caro, aqui no Brasil. Por fim, é importante desmistificar algo muito sério. O Braille, em absoluto, esgota o contato da pessoa com deficiência com a informação. Então às vezes uma sinalização tátil, pode ser eficiente para dizer que você precisa ir pra direita e pra esquerda e não necessariamente a escrita é em Braille, e nem por isso é menos importante. Professor, é realmente um papo fascinante! Nosso objetivo aqui, nem de longe, é esgotar o assunto, mas dar aquela esplanada ampla que as pessoas não confundirem Braille com hebraico, ou acharem que o Braille é a única possibilidade pras pessoas cegas terem acesso à leitura. Mas eu queria te propor um desafio, professor Clóvis. O título no feed está lá: a vida boa em Braille. Já pensou pensar a vida, assim como a escrita Braille, em 6 pontos, rapaz? Se a gente conseguisse, seria, assim, uma alquimia quase que perfeita. É

PODCAST VEJA BEM

óbvio que nós não vamos bater, aí, o martelo final, mas... Quais seriam eventuais, quais seriam alguns dos pontos, aí, que poderiam ser destacados como os pontos que, combinados, nos levariam a uma vida boa? Dá pra arriscar fazer essa seleção?

C: Opa, claro que dá! Vamos jogar o jogo como você propôs. Isto é: vamos encontrar 6 pontos sem os quais a vida boa fica mais distante. Pode ser assim?

F: Claro! E pensando na lógica do Braille, 6 pontos que, se combinados, vão gerar novas coisas!

c: Então, vamos lá! Primeiro ponto é o protagonismo lúcido. Em outras palavras, ter, em relação à vida, uma posição que não é, nem a ingenuidade arrogante da autoajuda, nem a letargia paquidérmica do morrer encostado num barranco, deixando a vida me levar. O protagonismo lúcido é arregaçar as mangas no limite inteligente da própria competência e fazer acontecer as coisas como gostaríamos que elas fossem, assumindo a responsabilidade de agente transformador do mundo. Ficou claro o primeiro ponto?

C: Olha aí, vamos anotando aí, gente! Protagonismo lúcido! Nem ficar no modo Zeca Pagodinho, que é maravilhoso o Zeca, mas o “deixa a vida me levar” que, nem de longe, é uma vida razoável, nem achar que a gente, só porque tem autonomia, tem poder de fazer acontecer.

C: Eu vou chamar esse ponto número dois de propósito, pra usar uma palavra que tá sendo muito usada. O propósito é uma identificação inteligente do tipo de transformação que queremos operar no mundo. O propósito significa uma clareza a respeito de onde queremos chegar, seja com a nossa própria vida, seja na interação da nossa vida com o resto do mundo. Portanto o propósito pressupõe um desejo transformador, portanto, uma certa carência na imediatidade do presente, uma certa plenitude imaginada no futuro e, finalmente, um valor: não há propósito sem valor. Não há propósito sem uma transformação entendida como “boa”, como superior à situação vivida e isso é valor. Aí está a segunda ideia, o propósito como uma ideia do que queremos para nossa vida e pro mundo que seja superior ao imediatamente vivido. O propósito, ele dá à vida uma direção e, portanto, nos livrar dessa situação às vezes gelóide, cinzenta e de marasmo, quando não sabemos direito pra onde ir, quando tudo que é indiferente, quando qualquer passo dado dá na mesma... E aí a vida fica muito ruim. Com propósito, que é o valor do futuro, nós certamente saberemos melhor para onde ir e saberemos separar a direção que nos convém, daquela que não nos convém.

F: Fascinante! A gente agora vai chegar no terceiro ponto da primeira coluna. Imagina aí, você que já conhece bem o Braille, nosso público com deficiência visual, então, nós já

PODCAST VEJA BEM

temos aqui o ponto “1”: protagonismo, o protagonismo lúcido, e o segundo ponto, propósito. E o terceiro ponto, professor?

C: O terceiro ponto eu vou chamar de autenticidade. E a autenticidade é você viver de acordo com o que é. Uma mochila falsa que eu comprei na China, ela afirma ter sido fabricada por quem não a fabricou. Portanto é uma mochila que, existindo, ela mente sobre si mesma. Assim, cada um de nós pode viver também uma vida falsa, comunicando ao mundo ser aquilo que não é. Se Lionel Messi nunca tivesse jogado futebol e tivesse trabalhado num cartório em Rosário, cidade onde nasceu, provavelmente teria passado a vida mentindo sobre a sua natureza, sobre suas habilidades maiores, sobre seu maior talento e assim por diante. O mesmo se João Carlos Martins não fosse maestro. Por essas e por outras, a autenticidade é um alinhamento entre o eu mais profundo, entre a natureza mais arraigada, entre aquilo que temos de mais forte e pujante e a Vida que vivemos no mundo.

Haverá até a possibilidade de uma vida autêntica, Carlos, sem fama, sem celebridade. É o nosso caso que nascemos explicadores e por isso, alinhamos a nossa vida para vivê-la explicando. Vida autêntica. É o terceiro ponto dessa nossa lista.

V: O veja bem é editado e conta com locuções de profissionais cegos ou com baixa visão. Quer conhecer a rádio da Organização Nacional de Cegos do Brasil e apoiar esse trabalho? É só baixar o app da rádio ONCB na sua loja Android ou IOS. Para apoiar e conhecer a organização, acesse o site:

www.oncb.org.br/doacao

V: Rádio ONCB: todas as vozes em uma só rádio. - O som de todas as vozes.

F: Aproveita quando terminar o episódio e visita o site da Organização Nacional de Cegos do Brasil. Veja como fazer parte, como apoiar, como contribuir com a luta de mais de 6 milhões de pessoas cegas e com baixa visão e mais de 90 organizações em todo país.

Vamos pro quarto ponto agora? Vamos pra coluna da direita, né? Os 3 primeiros pontos: protagonismo lúcido, propósito 3 e autenticidade. Muita gente confunde, propósito com autenticidade, e foi muito boa essa explanação inicial. No final do nosso papo aqui, o professor obviamente vai fazer uma combinação desses pontos todos, pra dar uma amarração. Mas vamos lá, professor, o primeiro ponto da segunda coluna, qual seria?

C: Carlos! Não basta saber qual é a sua praia, sua natureza, o seu Eu mais profundo. Se você não tiver disposição de tirar na hora de viver, o máximo de suco de laranja é você...

PODCAST VEJA BEM

Tem gente que se acostuma com a mediocridade. É o hábito do médio. É o hábito de fazer o mínimo necessário. Desde a escola é assim... Aprovação é nota 5, então, eu tiro 5.1. É o hábito do medíocre. Há aqueles que são habituais, pelo contrário: na hora de fazer, seja lá o que for fazer, da maneira mais perfeita que conseguem. Esse é o hábito da excelência. E a excelência é o quarto ponto da nossa lista. é você, por hábito, sem precisar pensar muito, você senta pra fazer e faz sempre o melhor que consegue. Não se trata de ser genial, não. Não se trata de ser maravilhoso. Apenas fazer bem o que faz, nos limites da própria natureza. A excelência é dar o melhor de si e esse é, certamente, um lindo ponto da vida. Porque você concordou comigo, se você pode fazer melhor e não faz, a sua vida está aquém do que poderia ser. Então, ela não merece o título de Vida Boa.

F: Olha que coisa fascinante! E de excelência em Braille é ponto 1 e ponto 5. Se a gente for brincar com os pontos aqui, né, que o professor Clóvis tá construindo os pontos da vida boa em Braille, a gente já tem que é o protagonismo lúcido; o quatro seria a excelência. Então, vamos descobrir, agora, o cinco, que seria o “e” de excelência, pra gente ver como que ficaria. Que que vem no quinto ponto dessa matriz da Vida boa, fazendo uma analogia com o Braille?

C: Ah, é o amor! O amor que permite servir; o amor que permite querer estar junto; o amor que permite zelar pelo outro; o amor que permite se preocupar com o outro; o amor que permite querer bem ao outro; o amor que permite fazer de tudo para que o outro viva melhor; o amor que... Nossa! O amor! Sem o amor, a vida fica descolorida.

Sem o amor, a gente vive entre o preto e o branco; sem o amor, as coisas têm menos graça. Quando amamos tudo fica melhor. E se você me disser, Carlos, que você gosta mesmo é de literatura, é porque ama a literatura. E se você também me disser que o que você gosta mesmo é de dar aula, é porque ama dar aula. Portanto, é o amor que confere graça à vida.

F: Rapaz, tá ficando muito bonito isso aqui! O sexto ponto, eu tenho tanto palpite aqui! Eu tô bem curioso, porque vai ficar muito de fora mas, com certeza, combinando esses 6 pontos, a gente chega a praticamente todas as outras possibilidades de exercício da Condição Humana, de exercício da vida boa. Professor Clóvis, que difícil agora! O que que vem por último, lá no sexto ponto da segunda coluna brilhantemente criada por Louis Braille?

C: O sexto ponto nos remete à energia; à energia da vida, que nos anima, que habita em nós por um certo tempo e depois nos deixa, pra animar outros corpos, outros entes. Conferir vida a outros viventes. E essa energia, ela precisa estar em alta. Esta energia

PODCAST VEJA BEM

precisa estar apontada para cima! É preciso que a vida nos proporcione encontros que sejam potencializadores. Não dá pra viver borocochô! Não dá pra viver apequenado. Não dá pra viver indisposto, não é? É preciso que a energia vital esteja em alta. E aí, aí então o sexto ponto não poderia ser outro se não a alegria. A alegria é a passagem para um estado mais potente de si mesmo. A alegria é o ganho de energia vital! A alegria é ganho de tesão de viver! A alegria é ganho de entusiasmo. Então a alegria fecha esse ciclo. É o nosso sexto ponto. E aí a gente reúne todos: protagonismo, pra arregaçar as mangas; propósito, pra saber onde queremos chegar; excelência, para tirar de nós sempre o melhor; amor, pra poder proporcionar ao mundo o que de melhor nós temos e, finalmente, alegria! A alegria que é, claro, a potência, a intensidade, o grande tesão pela vida que tem que estar presente, para que ela possa ser boa. São esses os 6 pontos, meu querido Carlos. Eu acho que o desafio era grande, porque os valores da vida são muitos e podem ser apresentados de maneiras muito diversas... Mas eu acho que esses seis pontos têm o seu valor; têm a sua importância e são condição para que a vida de cada um de nós é dos nossos ouvintes possa ser uma vida que vale todas as suas penas; vale todas as suas dores; vale todas as suas dificuldades.

F: no teu levantamento final, ficou faltando, e que bom que ficou, porque me deu a oportunidade de completar aqui, a autenticidade. Porque uma vida boa, sem dúvida, precisa ser autêntica. E eu recomendo a você que possa revisitar esse episódio. Quem sabe até escrever esses 6 pontos e fazer a brincadeira do Braille, né? Cê já parou pra imaginar como fica um protagonismo lúcido com propósito, que seria a combinação entre o ponto 1 e o ponto 2? Ou até, um propósito com excelência? Autenticidade com o protagonismo lúcido e propósito? Isso vai te fazer, com certeza, alcançar bem melhores níveis de felicidade, fazer com que a vida boa seja, de fato, percebida, e que possa afetar a vida de outras pessoas.

Porque aí, também, começa a ficar muito mais legal, a gente conseguir criar um fluxo de tal ordem, que outras pessoas começam a experimentar esses valores como transformadores também, pras suas vidas.

Quando a gente pensou esse episódio, eu imaginava um monte de coisas, mas, sem dúvida, não esperava que a gente pudesse apresentar a você, ao final, um conjunto de elementos verdadeiramente tão potentes num curto espaço de tempo.

Então fica o convite pra você revisitar. Quero agradecer ao prof. Clóvis. Na semana que vem a gente volta, e agradecer a você, que tem acompanhado a gente, durante cada uma dessas segundas-feiras. Valeu o desafio, professor!

PODCAST VEJA BEM

C: Querido, obrigado pela oportunidade! Obrigado pelo encontro! Obrigado pela alegria! Que possamos ser protagonistas com propósito! Que possamos ser autênticos com excelência e que possamos amar com alegria! Fica bem! Um grande abraço!

F: Grande abraço!!!!

V: Esse conteúdo foi trazido até você por meio da parceria entre Espaço Ética e Social Soluções. Quer saber mais sobre cada um de nós? Visite os nossos sites:

www.espacoetica.com.br

www.socialsolucoes.com

